

ALBERTO JOSÉ DE SAMPAIO

Entre os naturalistas brasileiros que, além da especialidade preferida, também se entregaram a pesquisas de interesse geográfico, avulta o professor A J SAMPAIO

Embora adquirisse nomeada nos domínios da botânica, mercê de investigações cuidadosas, que lhe proporcionaram matéria para mais de centena e meia de contribuições, elaboradas a partir de 1909, jamais deixou a Geografia de entrar-lhe nas cogitações

E assim, do mesmo passo que se ocupava de Taxionomia Vegetal, ao descrever "Uma orquídea nova" (Restrepia Dusenu), recolhia elementos para a Fitogeografia do Brasil, mais tarde publicada

Deu exemplo de uma vocação que soube manifestar-se em momento oportuno, desviando-se embora do caminho que seguia

Natural de Campos, na então província do Rio de Janeiro, abriu os olhos a 5 de fevereiro de 1881

Veio-lhe de Portugal o pai, JOÃO JOSÉ DE SAMPAIO, dado ao comércio, enquanto dona LEOPOLDINA JOAQUINA DECAT SAMPAIO, sua mãe, descendia de casal franco-brasileiro

Na cidade natal, iniciou-se nos estudos que o habilitaram aos exames preparatórios exigidos para o ingresso na Faculdade de Medicina

Cursava a terceira série, quando teve ciência do concurso que o Museu Nacional abria para o preenchimento do lugar de ajudante de Botânica

Inscreeveu-se à pressa e, classificado em primeiro lugar, começou, a 23 de janeiro de 1905, a sua carreira de naturalista

Para completar os conhecimentos que lhe faltavam, pois antes dirigira a sua atenção para outros ramos, consagrou-se ao exame dos problemas de Fitologia

Mais tarde, diplomou-se-ia em medicina, para ultimar a tarefa inacabada, quando já lhe era lisonjeiro o conceito nos meios botânicos, justificativos de sua gradativa promoção a professor-substituto, professor-chefe da Secção de Botânica do Museu Nacional

A essa instituição consagrou os máximos esforços de que seria capaz

Primeiramente, ao cuidar da sistemática, referente às orquídeas, em que estreou, para depois examinar as lauráceas, as rubiáceas, as filicíneas as bignoniáceas

No mesmo estabelecimento, iria mais tarde explanar assunto de sua predileção, ao encarregar-se do curso de "Fitogeografia do Brasil"

Principiou por lembrar que a "Geografia Botânica ou Fitogeografia foi individualizada por ALEXANDRE HUMBOLDT, em 1808"

Desenvolvida pelos pesquisadores especializados, já se desdobra em quatro ramos, a saber :

1º — Fitogeografia Florística ou simplesmente Florística, que estuda os aspectos da flora em cada região; é um ramo descritivo

2º — Fitogeografia Ecológica que estuda as relações entre as plantas e o meio; é um ramo interpretativo ou biológico, isto é, a feição geográfica da Ecologia Vegetal

3º — Fitogeografia Genética ou Epiontologia que estuda as origens das plantas em cada região e no mundo

4º — Paleofitogeografia ou Fitogeografia paleontológica, individualizada recentemente por BROCKMANN-JEROSCH"

Referiu-se a cada uma das subdivisões, e ao tratar da primeira, considerou-a mais desenvolvida no Brasil, graças às obras publicadas, entre as quais sobreleva a de MARTIUS — Flora Brasiliensis

E' o "maior monumento da Fitogeografia contemporânea, consta de 40 volumes, em que são descritos 2 253 gêneros (dos quais 160 novos) e 22 767 espécies, das quais 6 689 novas, 19 619 brasileiras e 3 168 de países limítrofes"

A sua publicação, encetada em 1840, só terminou em 1906, graças à colaboração de 65 botânicos

Menos desenvolvida se apresenta a Ecologia Vegetal, que exige permanência mais longa do naturalista na região escolhida para suas observações, como realizou WARMING, ao estanciar por dois decênios em Lagoa Santa, para bem conhecer a flora circunjacente

Mais difícil ainda será a Fitogeografia Genética, "pois que de início envolve as teorias antagônicas do monogenismo e poligenismo, ou do unicentrismo e do policentrismo

Se na atualidade não se afiguram láceis as questões referentes às espécies vivas, maiores embaraços deparar-se-ão ao pesquisador da Paleofitogeografia, a que pertence o estudo das plantas fósseis

Definidas as ramificações, o professor retomou o Sistema Geobotânico de ENGLER, que alterou, para adaptar ao Brasil, com duas grandes províncias — a Amazônica e a Extra-Amazônica

Nesta, caberiam as zonas dos cocais, das caatingas, das matas costeiras, dos campos, dos pinhais, e as marítimas

Ao caracterizar aquela província, esclareceu :

“São muitos os campos, as campinas e as campinaranas na Amazônia

O terreno, em especial no planalto, é mais ou menos acidentado e ricamente provido de canga : há também moirotes ou meias laranjas, muito frequentes

Freqüentes são também os capões de mato, chamados “ilhas de mato”, seja nos lugares menos frescos nos campos secos, seja nos “tesos”, nos “campos úmidos”

Predomina, todavia, a mata, pois que a “Flora Amazônica faz parte da chamada *Hylaea* de HUMBOLDT”, ou “grande floresta equatorial úmida”, que das vertentes orientais dos Andes se distende pelo vale do Amazonas e de numerosos afluentes

Distinguem-se vários tipos, a saber :

“Matas de terra firme”, em terreno elevado de alguns metros ou mais, tendo como principal característica a castanheira do Pará (*Bertholletia excelsa*)

“Matas de várzea”, em terreno baixo, alagadiço e que é atingido pelas cheias anuais; frequentes as seringueiras

“Matas dos alagados ou igapós”, isto é, associação de plantas apresentando-se em terreno alagado, seja em matas de terra firme, seja (caso mais freqüente), nas matas das várzeas e beiras de rios

“Vegetação arbórea”, pouco densa na areia seca, à margem das cachoeiras entre pedras

“Charrascais do rio Cuminá”, dos morros secos ou nos terrenos endurecidos, à margem das florestas

“Caatingas do rio Negro”, diversas das do Nordeste

Semelhantemente, considerou cada uma das subdivisões da província Extra-Amazônica, a principiar da zona dos cocais, caracterizada pelo babaçu, desde o Piauí até a Rondônia, a das caatingas, que “tendo por área principal o Nordeste”, alcança o sertão da Bahia, de Goiás e Minas Gerais

A faixa costeira, “a que MARTIUS chamou *Dryades*” é formada pelas matas da cordilheira do Mar, que vinham desde a altura do cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, até as serras do Erval e dos Tapes, no Rio Grande do Sul

“Formavam no litoral, paralelamente ao mar, segundo GONZAGA DE CAMPOS, uma faixa com a largura média de 200 quilômetros, atingindo 300 a 350 quilômetros em alguns pontos”

Ao tratar dos campos, distinguiu preliminarmente os nativos ou naturais e os artificiais

Aquêles ainda variam de aspecto, conforme sejam, campos “arborizados”, a que a Fitogeografia resolveu chamar “savanas”, universalizando esta expressão originariamente espanhola (*savana* ou *sabana*). As savanas brasileiras são comumente chamadas campos cerrados, cerrados ou campos cobertos, ou “campo sem árvore”, campinas, (nome também hoje universalizado pela Geografia Botânica); são os nossos campos limpos

“Temos savanas e campinas, desde as fronteiras setentrionais do Brasil até o arroio Xuí, no Rio Grande do Sul”

A diferença, entre os dois tipos de vestimenta vegetal consiste apenas na presença de árvores, de sorte que “uma campina pode passar a savana, se surgem árvores, e uma savana pode passar a campina, se lhe cortarem as árvores esparsas ou as destroem as queimadas”

Os pinhais tanto podem ser “quase só de pinheiros, como também associados a elementos da zona vizinha, e de pinheiros esparsos nos campos, revelando em cada caso, feições peculiares

“Os pinhais típicos, do Paraná, Santa Catarina e Apiaí em São Paulo, encerram, como elementos também típicos, grande quantidade de imbuia (*Phoebe porosa*), erva mate (*Ilex paraguayensis*), tapinhoãs e outras canelas”

Por último, a zona marítima “estende-se desde o cabo Orange, na foz do Oiapoque (Pará), até o arroio Xuí, no Rio Grande do Sul, compreendendo a flora halófila ou litorânea, as ilhas costeiras e as afastadas e a flora marinha, inclusive a flutuante, chamada fitoplancton

Seus acentuados pendores aos estudos da especialidade que se espelharam nas lições de Fitogeografia ministradas a alunos do Museu Nacional e da Universidade do Distrito Federal,

tomariam maior realce após a incumbência, recebida em 1931, de representar o Brasil perante o Terceiro Congresso Internacional de Geografia, reunido em Paris.

Coube-lhe, mediante proposta de E. DE MARTONNE, a vice-presidência da Secção de Biogeografia, em reconhecimento às contribuições publicadas anteriormente

Aos colegas da Academia Brasileira de Ciências, que lhe outorgara credenciais para falar em seu nome, explicaria como desempenhara o mandato.

Apresentara quatro teses, entre as quais uma se destacou de pronunciado teor geográfico — "A distribuição dos campos na Amazônia", (em colaboração com A. DUCKE).

Mais, porém, do que a influência do Congresso, apreciou a ação construtiva do seu secretário-geral, EMMANUEL DE MARTONNE, diretor do Instituto de Geografia da Universidade de Paris

Dêle se aproximou desde o início dos trabalhos, no decurso dos quais, teve ensejo não só de melhor avaliar a competência do geógrafo insigne, como ainda de aplaudir-lhe o entusiasmo da propaganda para fortalecimento da União Geográfica Internacional

Em consequência, quando o professor DE MARTONNE visitou o Brasil, em 1933, não se observou maior animador de homenagens que lhe eram devidas, do que o botânico brasileiro

Por seus esforços realizou-se, a 25 de junho, a reunião conjunta de associações culturais, de que participaram o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Ciências, para receber o sábio visitante

Orador oficial na solenidade que o reitor da Universidade, doutor FERNANDO MAGALHÃES presidiu, não se limitou A. J. SAMPAIO à simples saudação a quem lhe empoagara a admiração

Evidenciou conhecer-lhe a bibliografia geográfica, a atuação, tanto no magistério, como igualmente em operações de geógrafo infatigável

Ao agradecer tamanhos elogios, o douto representante da Escola Francesa resumiu os princípios em que ela se baseia, as conquistas já obtidas, e terminou por solicitar a adesão do Brasil à União Geográfica Internacional

Não havia entidade alguma que pudesse tomar a si tamanho encargo

E então, SAMPAIO empreendeu organizá-la, de acordo com os elementos ao seu alcance

Ao seu apêlo, a Academia Brasileira de Ciências tomou a iniciativa de propor às instituições e aos profissionais brasileiros, interessados no progresso dos estudos geográfico, a criação do "Comitê Nacional de Geografia do Brasil", para dar realidade ao programa desfraldado na sessão de 25 de julho de 1933

Certo, não teve êxito imediato a aspiração, cujos trabalhos compreenderiam seis secções

1^a — Topografia e Cartografia

2^a — Geografia Física

3^a — Biogeografia

4^a — Geografia Humana

5^a — Geografia Histórica

6^a — Geografia Econômica

Baseado exclusivamente na contribuição particular, o projeto não teve execução cabal

Mas despertou a atenção dos sabedores que, na primeira oportunidade, solicitados por outros componentes de análogos objetivos, entre os quais sobrelevou o ministro das Relações Exteriores, embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, cuidaram de examiná-lo com carinho

Dai se causou a fundação do Conselho Brasileiro, atualmente Conselho Nacional de Geografia, em cuja comissão organizadora tomou parte quem fôra dos primeiros a pleitear a criação de uma associação brasileira, que pudesse desenvolver no Brasil, atividades geográficas, em correspondência com a União Geográfica Internacional

Acreditou, desde o início, nos promissores destinos da nova entidade, à qual não poupou ensinamentos, nem colaboração

E quando o seu secretário-geral empreendeu expressivo inquérito entre os consultores técnicos, a respeito de recentes conquistas no ramo especializado, que lhes tocara a cada um, apressou-se A. J. SAMPAIO em elaborar desenvolvida resposta, que a Revista Brasileira de Geografia estampou em janeiro de 1940 (número I do ano II), com o título de "Fitogeografia"

Comprazia-se destarte em transmitir a outrem os conhecimentos especializados, que o exaltaram à categoria dos mestres no assunto de suas contínuas cogitações

Bem mereceu, portanto, pelos serviços prestados à Geografia do Brasil, figurar entre os vultos que se devotaram a engrandecê-la

VIRGÍLIO CORREIA FILHO



Aguiar e Silva